Uma experiência de educação patrimonial no Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville: provocando sensações e estimulando percepções

Flávia Cristina Antunes de Souza*

Merilluce Samara Weiers**

Resumo

Este artigo discute como atividades lúdicas aliadas aos princípios da educação patrimonial podem contribuir para aproximar o público de educação infantil dos espaços de memória. A partir da experiência do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville de estabelecer o contato entre crianças e o espaço patrimonial de forma sensível e interativa, inferimos que, a construção dessa relação afetiva na infância, pode contribuir para a formação de um público adulto comprometido com as questões patrimoniais.

Palavras-chave: Ação cultural em museus. Educação em museus, público infantil. Museus e comunidade.

An experience with patrimonial education at the Archeological Museum of Sambaqui, in Joinville: provoking sensations and stimulating perceptions

Abstract

This article discusses how entertainment activities together with patrimonial education principles can promote ties between children and spaces of memory. Presenting the experience carried on at the Archeological Museum of Sambaqui, in Joinville, which consists of putting children in contact with the patrimonial space in a sensible and interactive way, we infer that the formation of this affective relationship in childhood may contribute to the formation of adults committed to heritage issues.

Key-words: Museum education. Museum multicultural education for children. Museums and communities.

Primeiros laços com o patrimônio

O Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville - MASJ abre suas portas em 14 de outubro de 1972, sendo inicialmente um espaço destinado à memória de grupos pré-coloniais. Partindo da perspectiva que considerava a inclusão desses grupos no processo de construção da cidade, o MASJ possibilita um exercício de comunicação com a sociedade atual.

Nesse sentido, apesar do MASJ ter sido criado pautado em práticas museológicas tradicionais, características de diversos museus de arqueologia, percebe-se com o passar do tempo a inserção de outras práticas que permitiram a ampliação das abordagens incentivando a inclusão de novas e diversificadas formas de apropriação patrimonial.

É importante destacarmos que atentos às mudanças de paradigmas ocorridas a partir da declaração de Santiago do Chile em 1972, a equipe do MASJ envia esforços para a necessidade dessa instituição definir e exercitar sua função social.

A partir das relações que o MASJ constrói com a sociedade, ocorre em Joinville/SC um rompimento com a forma tradicional de se pensar os museus. Essa mudança pode ser atribuída em grande parte pelo fato dessa instituição ser composta de duas categorias de acervo, sendo, *ex situ* e *in situ* (1). Essa característica implicou no estabelecimento de uma nova relação com as comunidades circunvizinhas aos sítios arqueológicos e imprimiu ao MASJ uma dimensão diferenciada nunca experimentada por outra instituição museológica no município de Joinville (SOUZA, 2007).

Partindo do princípio de que as ações de comunicação museológica podem ocorrer dentro e fora do espaço museal, é que a equipe do MASJ inicia em 1973 sua primeira ação educativa denominada A Escola no Museu. Essa ação pretendia estabelecer as primeiras relações do MASJ com o ensino formal. Por outro lado, com o intuito de atender o público que não tinha acesso ao museu, o MASJ cria em 1976 a versão extra muros dessa ação educativa, O Museu na Escola, cujos suportes consistiam em expositores transportáveis que pretendiam aproximar as instituições de ensino da problemática do museu.

Na década de 1980, o MASJ desenvolve diversas reflexões orientadas pela museóloga Maria Cristina de Oliveira Bruno, no sentido de que as ações educativas do MASJ, bem como as exposições, deveriam “abolir falsas idéias sobre Pré-História e também denunciar a deterioração do patrimônio arqueológico” (BRUNO, 1984). Dessa forma, o MASJ passava a figurar entre as instituições museológicas que atuavam com a Arqueologia, iniciando suas reflexões sobre a utilidade social da ciência e do espaço museal em si.

Nesse sentido, diversos exercícios expositivos também foram realizados até que se chegasse a uma exposição (2), na década de 1990, que contemplasse a um só tempo, a ocupação espacial desses grupos em Joinville e suas características culturais, mostrando ao público a faceta interdisciplinar dos trabalhos que ocorrem em campo e laboratório.

Após sucessivas experiências durante toda a década de 1980, Alves e Tamanini registraram nos relatórios institucionais em diversos momentos, reflexões em relação às ações educativas experimentadas pelo MASJ. Assim, avaliaram que era estratégico promover uma maior aproximação entre as questões que envolvem a preservação do patrimônio arqueológico e a sociedade contemporânea, através, principalmente, da sistematização de ações voltadas ao ensino formal.

Nesse contexto, o primeiro projeto com base na educação patrimonial desenvolvido no MASJ, foi concebido pela museóloga Maria Cristina de Oliveira Bruno e pretendia “discutir a relação do homem com o meio ambiente e a influência do meio na produção da cultura material” (TAMANINI, 1994). A partir dessa orientação, o MASJ assume como ponto de partida para suas reflexões a denominada educação patrimonial, que caracteriza-se entre outros aspectos por ser um campo de produção de conhecimento em educação, por ter características metodológicas específicas e por desenvolver-se principalmente em instituições que lidam com o ensino não formal, a exemplo dos Museus e espaços de memórias.

Considerando esse histórico, foi criado no início da década de 1990 o Projeto de Atendimento ao Ensino Formal: 2º, 3º e 4º ciclos, entretanto, a linha de Atendimento

ao Ensino Formal, inicialmente abrangia as 3^{as}, 5^{as}, 7^{as} séries com temas diferenciados, sendo, alimentação e moradia, tecnologia e pluralidade cultural.

As temáticas abordadas com essas três fases de desenvolvimento dos educandos conduzem à construção de relações mais amplas e diversificadas com o espaço de memória que é o Museu. A necessidade da memória em se ancorar no espaço, no gesto, na imagem e no objeto, faz dos museus e dos próprios sítios arqueológicos, ao lado dos monumentos, seus lugares de manifestação.

Partindo dos temas trabalhados com os educandos, é possível estabelecer paralelos entre passado e presente, permitindo que os indivíduos se enxerguem dentro de um processo histórico que é construído pela coletividade. A problemática da preservação patrimonial extrapola a questão dos Sambaquis, permitindo ao grupo uma reflexão mais aprofundada sobre as diversas categorias de patrimônio, bem como, as responsabilidades individuais e coletivas que todos temos sobre esses bens.

A partir de meados da década de 1990 uma das questões a que se propõe a equipe de educação patrimonial do MASJ é através de suas diversas ações de comunicação contribuir para que a partir das sociedades sambaquianas possamos refletir sobre nós mesmos, justamente a partir daquilo que nos causa estranhamento, a figura do outro. Além dessa, uma outra questão fundante das ações educativas do MASJ é a possibilidade de exercitarmos um olhar que perceba os patrimônios como objetos marcados pela transitoriedade, necessitando sempre de uma rede viva e atual de relações.

Entretanto, é válido salientar que o sucesso desse processo depende principalmente do envolvimento dos professores e da continuidade que esses darão aos debates após a visita ao MASJ. Nesse sentido, destacamos que um longo caminho já vinha sendo trilhado nas relações com o ensino formal, incluindo oficinas com professores, empréstimos de materiais didáticos e exposições itinerantes, quando o MASJ se deparou com a necessidade de oferecer um atendimento especializado a um outro público, o público de educação infantil.

Em relação a essa faixa etária, um dos equívocos mais comuns era de os professores procurarem o MASJ na “semana do índio”, com crianças parentadas e com objetivos que incluíam conhecer os homens das cavernas. Diante da problemática que se repetia ano a ano, a equipe do setor de educação do MASJ elaborou uma proposta (3) com o intuito de promover a intermediação entre educandos dessa faixa etária, professores e museu. A proposta tinha como princípio proporcionar às crianças dessa faixa etária (5 e 6 anos) a possibilidade de conhecer este espaço como um espaço público de valorização do patrimônio, de experimentação e construção do conhecimento através de atividades lúdicas. Essa proposta não fugia aos princípios dos demais projetos educativos do MASJ, que defendem uma ação de comunicação que assume uma

perspectiva na qual os Museus não são, exclusivamente, centros destinados à captação visual de informações e de deleite, mas sim que podem ser, também, espaços para o exercício de outros sentidos, saberes e reflexões, propondo à sociedade um Museu dialético, composto de diversos olhares e formas de dar significados às coisas (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE, 2000a).

Nesse sentido, é válido ressaltar que, ao contrário do que os professores pensavam anteriormente, a preocupação da equipe do setor educativo não era a de repassar conteúdos, mas, antes, propiciar uma vivência interessante e agradável neste espaço público que é o Museu.

Como já mencionado anteriormente, partindo das orientações da educação patrimonial, a intenção do MASJ é estabelecer pequenas relações entre as vivências individuais das crianças dessa faixa etária, com o acervo e os diversos espaços do museu, a fim de exercitar a coletivização e a socialização das memórias.

Ao trabalharmos com os museus como lugares de memória, o que estamos buscando é que se estabeleça uma relação entre a sociedade e o patrimônio da qual é herdeira a partir das experiências cotidianas e de um olhar que parte do presente.

Quando a equipe do setor de educação do MASJ faz uma opção por oferecer a esse público uma vivência no espaço museal que deixe marcas positivas, está buscando, através de uma proposta educativa provocar o que José Reginaldo Santos

Gonçalves denomina por ressonância. A ressonância para Gonçalves (2005) implica na possibilidade de um objeto do patrimônio extrapolar suas fronteiras formais, o que, no caso da educação infantil, é muito facilitado dada a predisposição das crianças em criarem e recriarem funções, usos e sentidos para as coisas do mundo.

O intuito dessa proposta é apresentar da forma mais lúdica possível o espaço museal, proporcionando uma vivência despreocupada com a transmissão de conteúdos formais. Obviamente que os professores tiveram que ser informados e capacitados para participarem de forma consciente dessa proposta, na verdade, eles mesmos já haviam percebido que as visitas da forma como aconteciam não atingiam os seus objetivos, uma vez que, esses estavam desvinculados tanto da realidade quanto da faixa etária das crianças. (4)

A partir da sistematização dessas propostas educativas com a definição de temáticas e faixas etárias, o MASJ passa a estabelecer critérios para a participação das escolas nessas atividades, o que, acabou por incluir na rotina dos professores o hábito de procurar o MASJ antes das visitas e informar-se sobre as possibilidades de atendimentos, consultando as melhores datas e horários para suas turmas. Na maioria das vezes os professores são convidados a conhecerem a instituição, participarem de oficinas, acessarem o banco de textos e apresentarem uma proposta com objetivos claros em relação à visita ao museu.

Nesse sentido, a configuração das relações entre Escola e Museu muda substancialmente, a partir do momento que o professor compreende que o Museu é um espaço de educação não-formal, que tem metodologia e objetivos próprios, abre-se um diálogo com as possibilidades de uso desse espaço não vislumbradas até então. A idéia de Museu como lugar estático dá lugar a uma perspectiva que permite, tanto a professores quanto a alunos, a possibilidade de exercitar suas memórias, questionando, propondo hipóteses, investigando, enfim, estabelecendo os primeiros laços com o espaço museal.

Educação infantil no Museu: explorando sensações

Mais de dez anos de estudos lastrearam os projetos educativos já desenvolvidos pelo MASJ abrindo caminho para novas experiências. A relevância de promover

ações educativas em museus, é que elas possibilitam formas de apropriação do conhecimento que destoam completamente daquelas promovidas na escola tradicional, isso porque uma das principais características que definem e diferenciam os Museus de outras instituições de ensino é o conceito de espaço de educação não-formal.

A partir desse conceito defendemos que é fundamental valorizar os processos de aprendizagem em grupos, divulgando os valores culturais que articulam as ações dos indivíduos na vida. A educação não-formal conforme Gohn (2001), preconiza em suas áreas de abrangência, a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos, a capacitação dos indivíduos para o trabalho, a organização comunitária e o aprendizado de conteúdos da escolarização formal, em formas e espaços diferenciados. Nessa última área podemos incluir os museus, como espaços de aprendizagem, que tem o poder de interferir na forma, na delimitação e nas finalidades do conteúdo a ser trabalhado. Para Gohn (2001, p. 101)

as categorias de espaço e tempo também tem novos elementos na educação não-formal porque usualmente o tempo da aprendizagem não é fixado *a priori* e são respeitadas as diferenças existentes para a absorção e reelaboração dos conteúdos, implícitos ou explícitos, no processo ensinoaprendizagem.

Assim, o conceito de educação em Museu, foge totalmente dos currículos ordenados existentes na Escola, cuja atuação continua sendo, em alguns casos, dissociada da realidade próxima ao aluno.

A esse contexto muitas vezes limitador da escola tradicional, a educação em museus apresenta-se como uma possibilidade de exercício de autonomia, aberta ao trânsito das mais variadas memórias. Da mesma forma, o espaço museal tal qual se propõe hoje, potencializa a problematização do universo do aluno através de situações que lhe são significativas, permitindo que esse faça a seleção dos saberes e que incorpore diferentes análises do conhecimento humano, contribuindo para a construção da sua identidade cidadã.

Diante disso, o Projeto de Atendimento ao Público de Educação Infantil (PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE, 2000b), tem como objetivo geral,

proporcionar às crianças de escolas infantis a possibilidade de conhecer o Museu como um espaço público de interação e construção de conhecimento, a partir de atividades lúdicas. Essa proposta pretende ainda possibilitar a experiência coletiva fora dos muros da escola, e contribuir para a ampliação de uma referência espacial/temporal do educando, sobre a qual construirá novos conhecimentos.

As atividades propostas nesse projeto deverão provocar e desenvolver o raciocínio da criança e permitir pensar as ações do seu cotidiano. A brincadeira (mímica, dramatização, senso-percepção) será contemplada como princípio norteador para a tematização das atividades, lembrando que o processo é mais significativo do que o resultado (SKIBINSKI, [s.d.]).

Partindo dessa afirmação, organizamos o Projeto de Atendimento ao Público de Educação Infantil em cinco momentos, sendo, teatro de fantoches, visita à exposição e demais espaços do MASJ, atividade de senso-percepção, lanche e oficina de artes.

No primeiro momento, o grupo é recepcionado no auditório do MASJ, por fantoches que lhes dão as boas vindas, apresentam a equipe do MASJ e encaminham a atividade do dia. Esse sempre é um momento de grande emoção para as crianças, uma vez que, já na recepção elas sentem-se acolhidas de forma lúdica e interativa. Todos participam e conversam com os fantoches que cantam e fazem brincadeiras ao convidá-los para conhecer o MASJ.

Após serem recebidos no auditório, a turma é dividida em pequenos grupos que saem com seus monitores para conhecer os diversos espaços do museu, esse passeio inclui biblioteca, exposição, laboratório, reserva técnica e jardim externo. Esse momento permite a percepção de que o Museu é muito mais do que a sala de exposição propriamente. Existem pessoas que desenvolvem diversos trabalhos e é possível ver e tocar em esqueletos da fauna regional que não estão na exposição, como sagui, jaboti, porco do mato, capivara entre outros.

Depois de conhecerem o museu internamente, os grupos voltam à exposição, participam de uma atividade de senso-percepção, onde um saquinho contendo

diversos artefatos e ecofatos (conchas, coquinhos, ponta de lança, cerâmica, ossos de animais, etc.) é oferecido aos alunos. Dispostas num círculo no espaço da exposição, as crianças são convidadas, uma após outra, a colocar a mão dentro do saquinho. Após o reconhecimento tátil, o educador questionará sobre as sensações causadas pela forma e tamanho do artefato escolhido, instigando a participação dos demais para que também façam questionamentos. Em seguida, a criança retira o artefato do saquinho e mostra aos demais que opinam sobre sua procedência, função, familiaridade, matéria-prima, entre outros. Neste momento, todas as experiências e opiniões das crianças são levadas em consideração, principalmente àquelas relacionadas à experiência vivida na exposição. É importante que todos os alunos manuseiem todos os artefatos do saquinho.

Nesse aspecto Kishimoto (1993, p. 113) afirma que:

Certos meios de aquisição de conhecimentos são facilitados quando tomam a forma aparente de atividade lúdica. O jogo não é o fim visado, mas o eixo que conduz a um conteúdo didático determinado. Ele resulta de um empréstimo da ação lúdica para servir à aquisição de informações.

Os educadores têm a liberdade de criar variações desta atividade, inclusive utilizando uma venda. Esta atividade deve ser feita com bastante tranquilidade e liberdade, sem que haja preocupação com a transmissão de conteúdos, pois, é o exercício dos sentidos através da experiência do contato visual, tátil e olfativo que garantirá o desenvolvimento da mesma.

Após a atividade de senso-percepção, no espaço do jardim interno, ao som de músicas infantis, as crianças lancham. Esse também é um momento especial, onde os jardins do museu são ocupados e as crianças podem exercitar a partilha, uma vez que as professoras na maioria das vezes trazem lanches coletivos.

Após o lanche, ainda no espaço externo do MASJ, é distribuído um pedaço de argila para cada estudante afim de que eles representem aquilo que mais lhes chamou a atenção. Ao finalizarem suas obras, cada criança mostra aos demais e fala sobre o significado de sua criação, esse momento é importante, porque, conforme Rappaport (1981, p. 71)

À medida que ela [a criança] vai crescendo a evolução da linguagem se dá no sentido de uma maior socialização, mostrando mais uma vez que toda a tendência do desenvolvimento em seus vários aspectos se dá no sentido da interiorização e da socialização.

Essa atividade também pode ser feita com tinta guache ou giz de cera, conforme a opção do professor.

Ao término dessa atividade o grupo é encaminhado ao auditório a fim de avaliar as atividades das quais participou. Ao professor é entregue um formulário para uma avaliação escrita do projeto cuja devolução é imprescindível para ajustes na proposta, bem como, é critério para agendamentos futuros.

A partir dessa experiência que o MASJ vem desenvolvendo com a educação infantil, um dos grandes desafios dos processos educativos em museus se impõe mais uma vez, ou seja: Como efetivar uma proposta de inclusão de um público tão jovem nos espaços públicos de memória, e ao mesmo tempo possibilitar a continuidade dessa relação à medida que, esse público, vai amadurecendo e se afastando desses espaços?

Eis o grande desafio, contribuir para que as crianças desenvolvam e construam suas referências tornando-se autônomas e, elegendo naturalmente, os museus e outros espaços públicos de memória como espaços importantes de construção de relações sociais e de formação de sua identidade cidadã. Por outro lado, e igualmente desafiador, está o papel do Estado em promover políticas públicas que priorizem a efetivação dessas ações através da incorporação das mesmas no plano político pedagógico das escolas, possibilitando aos professores a participação em processos de formação para a apropriação das temáticas que envolvem a preservação patrimonial.

O Museu e as crianças: abrindo possibilidades e construindo ressonâncias

Quando Danilo Streck (2006) diz que “pesquisar é pronunciar o mundo”, ele evoca em todos nós educadores/pesquisadores a necessidade de não só pronunciar o mundo, mas de pronunciar ao mundo os nossos caminhos na busca da compreensão da realidade em que vivemos.

O objetivo desse artigo está longe de querer comunicar uma receita, cheia de verdades e certezas sobre o quanto determinado método garante o sucesso no estabelecimento de relações duradouras entre o museu e seus públicos. Pelo contrário, pretendemos socializar a nossa maneira de lidar com as incertezas e compartilhar os caminhos que temos trilhado com o intuito de construir e manter um elo significativo entre o Museu e o público do ensino formal. Na avaliação dos educadores do MASJ ações voltadas a esse público são estratégicas, pois, podem garantir a renovação de usos e sentidos que os bens patrimoniais necessitam para a continuidade de sua existência.

Embora, à primeira vista, trabalhar com crianças pareça não demandar tantos esforços quanto trabalhar com adultos, o desafio é igualmente gigante. Se, por um lado, a maioria dos adultos de hoje não tiveram a oportunidade de experimentar vivências em espaços de memória e por isso cristalizaram conceitos e opiniões, por outro lado, temos uma imensa responsabilidade em não desperdiçar a oportunidade de estabelecer um diálogo onde a troca de experiências permita o exercício da liberdade na interpretação da realidade.

Os laços afetivos que podem se estabelecer entre as crianças e o patrimônio através dos projetos educativos desenvolvidos pelo MASJ partem do princípio do que Freinet (1973) pontua quando considera a criança da mesma natureza que o adulto, rompendo com a hierarquia presente na relação entre educadores e educandos, e estabelecendo uma relação amigável e produtiva entre esses. Essa relação permite refletir sobre a infância levando em consideração, como aponta Saveli *et al.* (2005), a criança como sujeito ativo, filiado a um determinado grupo social e familiar e, portanto, um sujeito histórico, capaz de ser estudado e entendido por si só.

Considerando o contexto histórico-cultural de cada criança no processo educativo, o papel do educador não se restringe meramente à condução da criança, mas à introdução desta na cultura, no saber social e histórico que foi produzido com o passar de cada geração (SAVIANI, 2003).

Dessa forma, na avaliação da educadora Judith Steinbach do MASJ,

o interesse das crianças por todos os espaços do MASJ foi perceptível, não somente conhecendo os ambientes, mas interagindo com os técnicos do laboratório e com os objetos do acervo em estudo.

Além disso, a educadora aponta que algumas visitas ao museu foram associadas por alguns alunos, ao percurso pelo centro da cidade, bem como, ao fato de alguns familiares já conhecerem o MASJ.

Nesse sentido, as relações que as crianças estabelecem entre suas experiências individuais e do âmbito privado, são coletivizadas. Essas experiências em contato com esses novos conhecimentos é que possibilitam a interação dessas com a dinâmica da cultura, e conseqüentemente provocam um processo de apropriação, a partir do qual se sentirão verdadeiramente incluídas nos espaços de memória.

Uma das características da memória está justamente na flexibilidade de aliar experiências individuais e coletivas. Mesmo que as experiências vividas do percurso da escola ao museu e durante as atividades propostas no projeto estejam vinculadas ao âmbito pessoal, são os referenciais coletivos que permitem novas e permanentes combinações. Nesse sentido, os museus e os espaços de memória provocam nas crianças a emergência da utilização das suas experiências na elaboração de novos repertórios.

A possibilidade desse exercício desde a segunda infância (5), tendo continuidade em outras fases do desenvolvimento, pode contribuir para que esse indivíduo perceba ao longo tempo que é da sua apropriação e uso que dependem os espaços de memória. Nesse sentido, na avaliação dos professores fica clara a percepção de que essas ações educativas,

garantem e acolhem a diversidade, oferecendo diferentes formas de interagir com o Museu: o diálogo, o teatro, a música ambiente, a experiência sensorial com objetos e a produção artística, permitem que os alunos construam diferentes sentidos e materializem algumas de suas aprendizagens. (6)

Da mesma forma, refletem que apesar da escola oportunizar conhecimentos, é “através de passeios culturais que as crianças tem contato com outras

possibilidades de estabelecer relações com conteúdos significativos” (7). Com isso, destacamos que na maioria das vezes a criança não se satisfaz com as explicações dos adultos e assim deseja e necessita explorar os espaços, levantar suas hipóteses, encontrar respostas e buscar alternativas para o seu verdadeiro conhecimento (SAVELI *et al*, 2005).

As atividades lúdicas vividas no espaço do museu podem potencializar a maneira de perceber o mundo conforme as experiências, hábitos, afetos e convenções individuais e coletivas.

Em depoimentos de crianças que participaram do projeto destacamos a importância do exercício de evocar lembranças, porque cada vez que rememoramos um dado acontecimento, imprimimos a ele um novo olhar, uma nova emoção, só tornada possível pelo tempo presente. Dessa forma, destacamos parte de um depoimento de uma aluna, que quando questionada na escola sobre o que foi mais significativo na vinda ao museu, relatou:

Gostei daquela parte que no museu eles tinham um homem que viveu mais que meu vô e que minha vó, eles estavam pesquisando ainda os dedos que faltavam, as unhas, um monte de coisa legal, tinham ossos até de macacos e de gente (8).

Em relação a esse depoimento destacamos a importância da dimensão temporal com a qual as crianças entram em contato no espaço museal. Embora as atividades não preconizem esse aspecto, fica evidente o estabelecimento de relações entre o tempo presente e uma outra temporalidade experimentada através dos artefatos. Nesse sentido é interessante a definição do ato de rememorar de Seixas (2001, p. 46) quando diz que,

a lembrança que se atualiza não o faz uniformemente, nem sua extensão está dada. A memória não se possui, mas se percorre. A memória supõe um espaço elástico, no qual se move interessadamente, supõe uma sequência de planos em profundidade que colocam em pauta a noção de tempo.

O trabalho da memória aliado às necessidades permanentes das crianças de experimentar, tocar, mexer e explorar faz da experiência no projeto educativo do

MASJ, uma possibilidade de extrapolar a fronteira formal dos objetos musealizados, potencializando um tipo de ressonância que, contribuirá para a formação de sujeitos autônomos, solidários, preocupados e comprometidos com a realidade na qual atuam. Um aluno do 2º ano relata a sua experiência no MASJ da seguinte forma:

Um dia eu fui ao Museu, as brincadeiras eram muito legais. Eu gostei das brincadeiras, das artes e também gostei de brincar. A monitora nos convidou para fazer uma brincadeira de marisco, tínhamos que colocar a mão dentro do saquinho para tocar em alguma coisa, coloquei a mão dentro do saquinho e peguei uma coisa, a monitora perguntou o que era, se era gelado ou não, se era quente, eu falei que era gelado, o que eu tirei era uma coisa de peixe, eu não sabia, mas ela falou. (9)

Em relação ao depoimento dessa criança, enfatizamos que o bom brinquedo é o que convida a criança a brincar, desafia seu pensamento, mobiliza sua percepção e proporciona experiências e descobertas. Desde a recepção com os fantoches, passando pela atividade de senso-percepção, até o momento da representação artística da experiência, o que está em pauta nesse projeto educativo do MASJ é perceber que a partir da ludicidade é possível estabelecer laços afetivos entre as crianças e o Museu.

A possibilidade de perceber o espaço museal como um lugar agradável onde é possível aprender brincando, inspira-se também no princípio piagetiano de que a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo, por isso, indispensável à prática educativa.

Dessa forma, quando nos questionamos no início desse artigo, sobre como efetivar uma proposta de inclusão de um público tão jovem nos espaços públicos de memória e ao mesmo tempo possibilitar a continuidade dessa relação, inferimos que, a abertura dos museus ao público infantil proporciona o exercício de resignificação dos bens patrimoniais através de jogos e brincadeiras. Essa abertura pode contribuir para a formação de um público adulto sensível e comprometido com as questões patrimoniais.

Nesse contexto, avalia-se que atividades educativas em museus permitem que a criança recrie a realidade usando sistemas simbólicos. Sendo essas atividades

contextualizadas social e culturalmente, caracterizam-se por serem humanas, criadoras, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos. Dito de outra forma, a apropriação sensorial e intelectual dos espaços de memória desde a infância pode ser utilizada como instrumento de inserção e de ação crítica no meio social.

Notas

(1) O acervo *ex situ* do MASJ compõe-se cerca de 45000 artefatos e o acervo *in situ* compreende 41 sambaquis, 02 oficinas líticas, 03 estruturas subterrâneas e 01 sítio lítico.

(2) A Exposição de Longa Duração Pré-História Regional data de 1991 e teve concepção museológica e proposta museográfica da museóloga Maria Cristina de Oliveira Bruno.

(3) As primeiras oficinas com os professores de educação infantil foram coordenadas pela educadora Elizabete Tamanini, Posteriormente, os educadores Gerson Machado e Judith Steinbach sistematizaram a primeira versão desse projeto. Desde 2002 a equipe conta com a educadora Flávia C. Antunes de Souza, que participou dos ajustes posteriores dessa proposta.

(4) Nesse sentido, vale destacar, também, o processo de formação interna que este projeto gerou, uma vez que, tanto os educadores quanto os monitores e estagiários tiveram que se exercitar e instrumentalizar para dialogar com as crianças utilizando novas linguagens. Em nove anos de existência o Projeto de Atendimento ao Público de Educação Infantil já propiciou a formação de 26 profissionais das mais diversas áreas do conhecimento.

(5) Denomina-se segunda infância o período compreendido entre 3 e 6 anos de idade, onde há o predomínio do lúdico.

(6) GUEDES, Andréa R. PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. Projeto de Atendimento ao Público de Educação Infantil. Joinville, 2000. *Avaliação do Professor*. Dez. 2008. (Documento interno)

(7) SILVA, Jane M. Didier. PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. Projeto de Atendimento ao Público de Educação Infantil. Joinville, 2000. *Avaliação do Professor*. Nov. 2008. (Documento interno)

(8) Sobre o Museu Arqueológico de Sambaqui. Produção da E.M. Dr. Hans Dieter Schmidt. Coordenação de Andréia R. Guedes. Joinville: E.M. Dr. Hans Dieter Schmidt, 2008. DVD (4 min), son., color.

(9) Sobre o Museu Arqueológico de Sambaqui. Produção da E.M. Dr. Hans Dieter Schmidt. Coordenação de Andréia R. Guedes. Joinville: E.M. Dr. Hans Dieter Schmidt, 2008. DVD (4 min), son., color.

Referências bibliográficas

- BRUNO, M. C. O. *O Museu do Instituto de Pré-História: um museu a serviço da pesquisa científica*. 330 p. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.
- FREINET, C. *Pedagogia do bom senso*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1973.
- GOHN, M. da G. *Educação não-fomal e cultura política: impactos sobre o associativo do terceiro setor*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- GONÇALVES, J. R. S. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *Revista Horizontes Antropológico*, Porto Alegre, n. 23, p. 15-36, jan./jun. 2005.
- KISHIMOTO, T. M. *Jogos tradicionais infantis: o jogo, a criança e a educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. *Projeto de Atendimento ao Ensino Formal: 2º, 3º e 4º ciclos*. Joinville, 2000. (Documento Interno).
- PREFEITURA MUNICIPAL DE JOINVILLE. Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville. *Projeto de Atendimento ao Público de Educação Infantil*. Joinville, 2000. (Documento Interno).
- RAPPAPORT, C. R. (Org.). *Teorias do desenvolvimento*. SP: EPU, 1981.
- SAVELI, E.; ALTHAUS, M. T. M.; TENREIRO, M. O. *Infância e educação na obra de Freinet. Fundamentos filosóficos da educação infantil*. Maringá: EDUEM, 2005.
- SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica - primeiras aproximações*. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
- SEIXAS, J. A. de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (Orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão do sensível*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001.
- SKIBINSKI, E. *Iniciação ao Teatro*. Joinville: Estado de Santa Catarina – Secretaria Estadual de Educação – 5ª Unidade de Coordenação Regional, [s.d.]. Mimeografado.
- SOUZA, F. C. A. de. *A preservação do patrimônio arqueológico em Joinville/SC: desamontoando conchas e evidenciando memórias*. 119 p. Dissertação (Mestrado)-Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2007.
- STRECK, D. R. Pesquisar é pronunciar o mundo: notas sobre método e metodologia. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu. (Org.). *Pesquisa participante: o saber da partilha*. Aparecida/SP: Idéias & Letras, 2006. p. 259-276. v. 1.

TAMANINI, Elizabete. *Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville: um olhar necessário*. 169 p. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 1994.

Crédito

* Mestre em História pela UFPR, Especialista Cultural - Educadora do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville.

e-mail: flaviasasse@gmail.com

** Acadêmica em Ciências Biológicas (Licenciatura), Estagiária do Setor de Educação do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville.

e-mail: meri.weiers@gmail.com